
A ARQUITETURA DOS POVOS GERMÂNICOS NO MUNICÍPIO DE DOMINGOS MARTINS: UMA ANÁLISE DE EDIFICAÇÕES HISTÓRICAS EM CAMPINHO E SANTA ISABEL***THE ARCHITECTURE OF THE GERMANIC PEOPLES IN THE MUNICIPALITY OF DOMINGOS MARTINS: AN ANALYSIS OF HISTORICAL BUILDINGS IN CAMPINHO AND SANTA ISABEL***Raquel Huver Tozetti¹Anna Karine de Queiroz Costa Bellini²

RESUMO: Esta pesquisa reuniu informações sobre a trajetória da imigração germânica em terras martinenses. Foram analisadas oito edificações históricas remanescentes no município com o objetivo de compreender a qualidade arquitetônica identitária do município, decorrente dessa imigração. Estudos bibliográficos e visitas de campo foram conduzidos para coletar o máximo possível de informações, incluindo registros fotográficos antigos e atuais para comparação. Ao término do estudo, identificaram-se padrões na forma de construir e habitar desses colonos, destacando a influência de sua cultura alemã e a capacidade de adaptação ao contexto e entorno.

Palavras-chave: Domingos Martins; Imigração alemã; Arquitetura.

ABSTRACT: This research gathered information about the trajectory of Germanic immigration in the lands of Domingos Martins. Eight remaining historical buildings in the municipality were analyzed with the aim of understanding the architectural identity quality resulting from this immigration. Bibliographic studies and field visits were conducted to collect as much information as possible, including old and current photographic records for comparison. At the end of the study, patterns in the construction and habitation methods of these settlers were identified, highlighting the influence of their German culture and their ability to adapt to the context and surroundings.

Keywords: Domingos Martins; German Immigration; Architecture

¹ Centro Universitário Salesiano -UniSales. Vitória/ES, Brasil. raquel.tozetti@sounisales.com

² Centro Universitário Salesiano-UniSales. Vitória/ES, Brasil. annakarinebellini@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Domingos Martins, município localizado no estado do Espírito Santo, é conhecido por sua rica herança cultural, especialmente pela influência da imigração germânica que ocorreu no século XIX. A chegada dos imigrantes germânicos a essa região trouxe não apenas uma nova população, mas também uma marcante influência na arquitetura local. A presença dos colonos germânicos na região de Domingos Martins deixou um legado arquitetônico que ainda é perceptível na paisagem urbana e rural atual.

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo realizar uma análise de edificações construídas no município de Domingos Martins, ao longo das primeiras fases de ocupação dos povos germânicos, especificamente nas localidades de Campinho e Santa Isabel.

Durante a colonização das terras martinenses, os povos germânicos trouxeram de sua terra natal uma forma própria de habitar. Porém, ao se depararem com uma topografia e clima diferentes de onde habitavam originalmente, e privados dos materiais comumente usados em suas construções, se viram obrigados a realizar adaptações em sua forma de construir e morar.

A partir desta adaptação, surgiu um estilo arquitetônico único que atribui personalidade e identidade à região.

Com incentivos por parte do município e dos próprios descendentes, muitas fachadas ainda exibem elementos derivados da tradição alemã, como o enxaimel. No entanto, apesar destes incentivos terem como objetivo o resgate e preservação cultural, eles enfraquecem a arquitetura identitária e original de Domingos Martins, quando da criação de vários edifícios falsos-históricos, criando cenários para incentivo turístico do território.

Em que pese a importância do tema para a história da interiorização do solo espírito santense, ele vem sendo pouco explorado ao longo dos anos, limitando-se a poucos autores, como Rogério Medeiros, Silas Raasch, e José Vieira/Joel Velten, que em muito contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

O tema aborda a trajetória da imigração alemã e os desafios construtivos enfrentados pelos imigrantes europeus ao chegarem na região e mapeia as principais edificações históricas ainda preservadas, localizadas no perímetro urbano de Campinho e Santa Isabel, em Domingos Martins.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Desde os primórdios da colonização das terras martinenses, os povos germânicos se viram confrontados por adversidades decorrentes da exploração de um território inexplorado, distinto de sua pátria natal em termos de clima e topografia. Estes desafios não se restringiram meramente à esfera geográfica, estendendo-se aos conflitos religiosos, sectarismo, alcoolismo, enfermidades e à ausência de demarcação territorial. No entanto, mediante resiliência e determinação, conseguiram superar tais obstáculos, consolidando-se finalmente na colônia.

2.1 A CHEGADA DOS COLONOS IMIGRANTES AO NOVO LAR

A colonização germânica em Domingos Martins teve início em 1847, quando 39 famílias, sendo 26 católicas e 13 luteranas, deixaram a região de Hunsrück, conhecida como Costa do Cachorro, na Alta Alemanha. Originárias de Koblenz, Lötzebeuren, Traben-Trarbach e da região de Hesse no centro do Reno (Vieira e Velten, 2015), essas famílias buscaram oportunidades de trabalho agrícola e terras para cultivo no Brasil devido às guerras entre Impérios na Europa, que resultaram em escassez de empregos e terras (Medeiros, 1997).

Motivado pela escassez de alimentos devido à concentração na produção de café, o governo imperial brasileiro incentivou o povoamento das terras capixabas. Esta política favoreceu a imigração de italianos, alemães e libaneses para o Espírito Santo, visando a ocupação demográfica e o estímulo à produção agrícola diversificada (Costa; Campos; Hees; Franco, 1999). Os povos europeus traziam força de trabalho que substituiria a mão de obra escrava, devido às leis abolicionistas e a projetos de embranquecimento da população brasileira (Poubel, s.d.)

O governo brasileiro enviou agentes à região de Hunsrück, onde muitos agricultores viviam em pequenas propriedades exploradas por trabalhadores braçais. Os agentes prometeram aos colonos germânicos que, ao se mudarem para o Brasil, teriam despesas de viagem cobertas, receberiam terras a preços acessíveis, e o Estado sustentaria as famílias durante o período de estabilização, até que suas lavouras fossem suficientes para a subsistência. Estas condições atraíram os colonos, levando alguns a assinarem contratos e venderem seus bens para partir, em 1846, com destino ao Brasil (Velten, 1930 apud Vieira e Velten, 2015).

A trajetória dos imigrantes germânicos em direção à Colônia de Santa Isabel foi marcada por desafios, incertezas e precariedade. Após enfrentarem dias de espera e preocupações com contratos e disponibilidade de navios, finalmente, em 20 de agosto de 1846, conseguiram embarcar no veleiro alemão "The Philomella," deixando sua terra natal (Velten, 1930 apud Vieira e Velten, 2015).

Após 70 dias de viagem, ao chegarem ao Rio de Janeiro, ficaram alojadas em um galpão por mais 60 dias (Medeiros, 1997). Em seguida, conseguiram uma audiência com o Imperador Dom Pedro II, que providenciou três vapores para levá-los até Vitória, embora o destino desejado fosse o sul do país (Domingos Martins, s.d.).

A decisão de direcionar os imigrantes ao Espírito Santo ocorreu por acaso, devido à amizade de infância entre o imperador e o presidente da província, Luiz Pedreira do Couto Ferraz. Além disso, o estado capixaba era mais próximo do Rio de Janeiro em comparação com Santa Catarina (Domingos Martins, 2015).

O Imperador ofereceu-lhes as terras próximas ao Rio Jucu, onde poderiam construir suas casas no centro e iniciar o cultivo e urbanização ao redor delas. Esse plano agradou aos imigrantes, marcando o início de uma nova etapa em suas vidas (Velten, 1930 apud Vieira e Velten, 2015).

Em 21 de dezembro de 1846, os imigrantes germânicos chegaram a Vitória (Domingos Martins, 2015) e foram abrigados na Hospedaria da Pedra D'Água, na Ilha da Pedra D'Água (Costa; Campos; Hees; Franco, 1999).

Em 27 de janeiro de 1847, os imigrantes iniciaram a jornada rumo às montanhas de Domingos Martins, passando por Viana e enfrentando a densa mata atlântica (Medeiros, 1997). Ao chegarem à Santa Isabel, encontraram os povos indígenas Aimorés (Medeiros, 1997), que os auxiliaram na travessia em direção ao morro de Campinho, atual sede de Domingos Martins (Vieira e Velten, 2015).

Os primeiros colonos não se identificavam como alemães, mas falavam o dialeto *hunsruck* de sua terra natal. Embora essa distinção seja semântica, a maioria dos historiadores capixabas considera tanto os *hunsrucklers*, quanto os pomeranos como alemães (Medeiros, 1997).

Medeiros (1997, p.85) destaca a perspectiva de um teuto-brasileiro que afirmava: "*Naa, mir sein ka deutsche, mir sein hunsruckler*" (Não, não somos alemães, somos *hunsrucklers*), classificando a chegada dos primeiros imigrantes europeus como "uma balbúrdia racial".

Essa distinção ocorre, pois, a Alemanha só se tornou um país unificado oficialmente a partir de 1871. Esta união foi decorrente do grande desenvolvimento econômico e social dos Estados Germânicos, o chamado Sacro Império Romano, que englobava grande parte da Europa Central e do Norte, e as duas grandes potências germânicas, Áustria e Prússia (Gonçalves, 2023).

Assim, desde o início Domingos Martins foi marcado pela diversidade de grupos germânicos europeus que unidos pelo objetivo comum de conseguirem melhores condições de vida, trouxeram consigo culturas diversas. Esta diversidade cultural contribuiu para a formação de uma comunidade rica e multifacetada, refletindo-se nas tradições, na arquitetura e no modo de vida do município.

2.2 O IMIGRANTE E A ADAPTAÇÃO AO NOVO TERRITÓRIO

Os imigrantes germânicos permaneceram na Serra da Boa Vista (Santa Isabel) por mais de três anos, construindo estradas enquanto aguardavam a definição de seus lotes pelo Império. O superintendente inicial, Padre Wandelino Gain D'Insbrück, foi sucedido por Gustav Bungenstab, resultando, segundo Wagemann, em dificuldades para a colônia. (Wagemann, 1949 apud Vieira e Velten, 2015).

Em 7 de agosto de 1858, Adalbert Jahn, engenheiro e ex-oficial prussiano, assumiu a direção da Colônia, encontrando uma situação caótica. Conflitos religiosos, terras sem demarcação, falta de igreja para os luteranos, brigas, falta de estradas adequadas, alcoolismo e doenças eram desafios apontados por Vieira e Velten (2015). Jahn, determinado, iniciou uma reorganização, demarcando terras, mediando conflitos religiosos e construindo uma igreja para os luteranos.

Após aproximadamente uma década, os colonos, buscando um clima mais ameno e superando divergências religiosas, fundaram as Vilas de Santa Isabel (católicos) e Campinho (luteranos). Esta última, localizada em uma área plana, prosperou com a construção da igreja protestante, tornando-se a sede do município de Domingos Martins (Vieira e Velten, 2015).

Os colonos, ao se estabelecerem, receberam 50 hectares de terra, posteriormente reduzidos para 25 hectares, a um custo de noventa e três mil réis. Essa distribuição

visava a estabilidade e continuidade das famílias, permitindo a transmissão da terra aos descendentes como herança (Santo et al., 1992 apud Vieira; Velten, 2015).

Após o sorteio das terras, os colonos começaram a trabalhar em mutirões, construindo suas casas em meio ano de intenso esforço. Eles se dedicavam às plantações durante a semana, retornando para casa apenas aos sábados (Vieira e Velten, 2015).

Os primeiros anos foram desafiadores devido ao clima, doenças, alimentação e condições precárias. Muitos adoeceram, alguns faleceram por malária, tifo ou febre amarela, totalizando nove mortes. O governo prestou assistência com médicos, remédios e comida, superando rapidamente essa fase difícil (Wagemann, 1949 apud Vieira e Velten, 2015).

Figura 01 - Local onde as primeiras famílias ficaram instaladas



Fonte: Acervo Jair Littig(s/d).

Figura 02 - Rancho do colono Adam Wayandt na colônia de Santa Isabel, 1860



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, Victor Fron (s/d).

Após superar os desafios iniciais, muitos estudiosos afirmam que a colônia prosperou lentamente. Bichara (1984, apud Vieira e Velten, 2015, p. 45) destaca que "A colônia fundada em 1847 para acolher imigrantes alemães prosperou. Todos os colonos possuíam casas e produziam mantimentos em abundância, cujas sobras eram vendidas na Freguesia de Viana". Alves (1954, Vieira e Velten, 2015, p. 45) descreve a cidade de Domingos Martins, afirmando: "O progresso foi lento, sem lampejos, mas sem escuros".

2.3 RELAÇÕES SOCIAIS E O SECTARISMO NA COLÔNIA

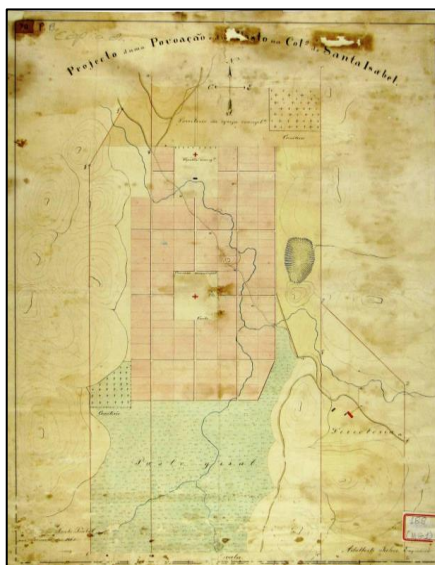
De acordo com o sociólogo Émile Durkheim, a religião é um produto social, definido como "um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem" (Durkheim, 2000, p. 32). Nesse contexto, a religião na Colônia de Santa Isabel representou uma forma significativa de vivência coletiva.

As atividades religiosas, como missas, cultos e rituais litúrgicos, não apenas desempenhavam um papel espiritual, mas também funcionavam como momentos de socialização e interação comercial. A divisão religiosa na colônia, conforme descrito por Raasch (2010), resultou na formação de dois grupos sociais distintos.

A diferença religiosa tornou-se mais relevante do que a região de origem dos imigrantes na identificação da população da Colônia de Santa Isabel. Esta distinção era tão significativa que relatórios oficiais dividiam a população entre católicos e protestantes, principalmente nos anos que antecederam a emancipação da colônia (Raasch, 2010).

Em sua visita à Colônia em 1860, o viajante suíço Johann Jakob von Tschudi registrou em seu diário: "Há algum tempo, um mal se enraizou nessa colônia: a intolerância religiosa e a mania de proselitismo" (Tschudi, 1860) Nesse contexto, o engenheiro Adalberto Jahn, Diretor da Colônia na época, propôs um projeto para a construção de templos tanto católicos quanto protestantes, incluindo a definição de sua localização geográfica. (Raasch, 2010)

Figura 03 - Projeto de uma Povoação na Colônia de Santa Isabel, 1860



Fonte: APEES, Acervo da Mapoteca – 190-MG1

No projeto elaborado por Jahn, datado de 1860, denominado "Projeto de uma Povoação na Colônia de Santa Isabel" observa-se que a localização dos templos é uma premissa e, ambos se destacam na cartografia pela presença da cruz vermelha.

O quadrado superior representa a localidade de Campinho, um dos poucos terrenos planos na área, onde a Igreja Luterana foi estabelecida. O quadrado inferior, no centro da colônia, indica o local da Igreja Católica. Desta forma, se deu a divisão geográfica entre a população protestante e católica, que passam a desenvolver relações sociais e econômicas distintas (Raasch, 2010).

3 METODOLOGIA

3.1 JUSTIFICATIVA DA SELEÇÃO DAS ÁREAS E EDIFICAÇÕES DO ESTUDO

A escolha das edificações para análise da influência arquitetônica dos povos germânicos no município de Domingos Martins centrou-se nas áreas de Santa Isabel

e Campinho. Ambos abrigaram uma significativa população de descendentes de imigrantes germânicos, comprovado por registros oficiais, entre os anos de 1846 à 1895 (APEES, 2009).

Outro fator considerado foi o período de construção das edificações, entre meados do século XIX, quando do início da imigração germânica no município, até as três primeiras décadas do século XX.

O recorte espacial permite um estudo mais aprofundado da influência arquitetônica inicial da imigração germânica. O recorte temporal permite uma análise dessa influência ao longo do tempo, revelando como as técnicas e estilos arquitetônicos se adaptaram e evoluíram.

As edificações estudadas nessa pesquisa somaram um total de oito (mapa esquemático da localização das edificações em anexo no apêndice), são elas:

- Santa Isabel: Igreja Católica e Estação Ferroviária Vale da Estação;
- Campinho: Igreja Luterana; Casa da Cultura; Casa do Diretor; Casa Soyka; Casa Schlenz e Casa Gerhardt.

Para a análise das edificações foram consultados: documentação histórica através de pesquisas em fontes oficiais do governo, livros, artigos científicos, teses, dissertações e outros materiais relevantes; além de memória oral de moradores e levantamentos fotográficos, obtidos a partir de visitas em campo.

As edificações foram analisadas segundo parâmetros pré-determinados, visando facilitar a sistematização dos dados coletados, são eles: (a) sistema construtivo, (b) materiais de construção, (c) volumetria e Proporção, (d) simetria e (e) implantação.

3.1.1 Parâmetros de análise das edificações estudadas

As oito edificações selecionadas foram analisadas segundo os seguintes parâmetros arquitetônicos desenvolvidos pelas autoras:

- a) Sistema Construtivo: Investigação que permite entender as técnicas e métodos utilizados na construção das edificações. Isso inclui a estrutura, as fundações e os métodos de construção que são reveladores da época em que foram construídas e das influências culturais.
- b) Materiais de construção: Pode indicar disponibilidade local e preferências estilísticas. A análise dos materiais utilizados nas edificações ajuda a traçar a história da construção e os recursos disponíveis na região.
- c) Volumetria e Proporção: A volumetria dita a forma como os volumes de uma edificação se relacionam entre si no espaço e como interagem com o seu entorno, com o uso de diferentes escalas, alturas e proporções. A proporção refere-se a como elementos arquitetônicos como janelas, portas, colunas e fachadas são incorporadas ao projeto, proporcionais ou não em relação ao restante da edificação.
- d) Simetria: Diz respeito à repetição equilibrada de elementos visuais no espaço em relação ao seu eixo central. Ela busca a harmonia visual através da correspondência de formas em ambos os lados do eixo.

- e) Implantação: Refere-se à disposição e localização de um edifício em um determinado terreno ou espaço. Envolve considerações sobre orientação, topografia, vizinhança e integração com o ambiente circundante. A implantação é crucial para entender como o edifício se relaciona com seu contexto físico e social.

A inter-relação desses elementos contribui para a compreensão da edificação como um todo, e em como as influências externas se manifestam dentro da obra em questão. Estes parâmetros serão identificados ao longo das análises pelas letras entre parênteses (a), (b), (c), (d) e (e), conforme supramencionado, para melhor compreensão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao aplicar a metodologia e os parâmetros de análise, a pesquisa conduzida proporcionou a obtenção de alguns resultados representativos. Estes resultados estabeleceram conexões entre os aspectos históricos, sociais e culturais, e os elementos técnicos e estilísticos das edificações estudadas. Tal abordagem permitiu a identificação de denominadores comuns entre as estruturas estudadas.

4.1 O VALE DE CAMPINHO DE SANTA ISABEL E AS PRIMEIRAS EDIFICAÇÕES

Em seu diário de viagem datado da virada do século XIX para o século XX, o visitante luterano alemão Hugo Wernicke descreve o vale de Campinho como:

Semelhante a um vilarejo alemão [...] A igreja situa-se no pasto plano, entre a escola e a casa do pastor, e o cemitério fica um pouco mais afastado. As casas dos habitantes do vilarejo, que em sua maioria são donos de “venda” e agricultores, foram quase todas construídas paralelamente em linha dupla, às margens da estrada. De fato uma imagem encantadora e aprazível! [...] (Wernicke, tradução Paschoal, 2013, p.101-102)

Nessa época, o centro do povoado concentra-se na avenida principal, onde as casas e o comércio se entrelaçam lado a lado, em edificações geminadas, sem espaçamento entre elas e sem afastamento da rua. Esse núcleo tem a igreja como ponto central, sendo o catalisador do desenvolvimento social e urbano.

As construções ao redor, em sua maioria térreas, exibem uma única volumetria compacta, algumas aparentemente com sótãos, evidenciados por janelas pequenas bem altas.

Os telhados seguem um padrão colonial, predominantemente com duas águas, embora alguns apresentem três ou quatro. Além das edificações ao longo da avenida principal, algumas se espalham pela paisagem, mantendo-se próximas ao núcleo central, contribuindo para a formação e expansão do povoado de Campinho. Esse arranjo arquitetônico e urbano reflete a influência da igreja como ponto focal na organização e crescimento da comunidade.

Na imagem do povoado datada de 1925 (figura 05), observa-se um notável desenvolvimento urbano com o surgimento de mais edificações, sendo uma delas visível pela sua verticalidade, apresentando dois andares. Essa edificação em

destaque era a residência da família alemã Schwambach, posteriormente convertida na Casa da Cultura.

O arranjo espacial torna-se mais definido, refletindo uma evolução na organização urbana do povoado de Campinho ao longo do tempo. Esse crescimento indica não apenas uma expansão física, mas também o amadurecimento e a diversificação das estruturas arquitetônicas na comunidade.

Vieira e Velten (2015) destacam a satisfação dos primeiros colonos imigrantes ao terem um lar, mesmo que fosse uma cabana de barro coberta por folhas de palmeira. No entanto, após três ou quatro, essas cabanas começaram a apresentar problemas estruturais, levando os colonos a decidirem construir casas no estilo das habitações de Hunsruck, sua terra natal. Estas novas casas, erguidas nas encostas das montanhas, próximas às lavouras de café, proporcionavam uma localização conveniente para os agricultores (Vieira e Velten, 2015).

Figura 04 - O povoado de Campinho de Santa Isabel



Fonte: Acervo Casa da Cultura (s/d).

Figura 05 - Vila de Campinho, 1925



Fonte: Acervo Casa da Cultura(s/d).

De acordo com os mesmos autores, estas casas caracterizavam-se por varandas que circundavam a estrutura, e a cobertura era feita de taboinhas, utilizando madeiras apropriadas.

Os imigrantes alemães, reconhecidos por suas habilidades artesanais, aplicaram seus conhecimentos na construção dessas moradias, conferindo-lhes um aspecto agradável e convidativo. A beleza dessas casas era tão marcante que pessoas de Vitória vinham especialmente para admirá-las. Em uma ocasião, receberam a visita de Luiz Pedreira do Couto Ferraz, presidente da província, e de D. Pedro II.

As imagens revelam a utilização da técnica construtiva enxaimel, típica da Alemanha, com uma estrutura de madeira preenchida por barro, materiais abundantes na paisagem local. As casas exibem uma volumetria compacta, composta por um bloco único, e suas aberturas de portas e janelas são retangulares e simples.

A disposição simétrica das janelas, uma ao lado da outra, é notável. Ambas as imagens também destacam o afastamento da estrutura em relação ao solo, mais evidente na segunda imagem, onde há um vão sob a casa. Os telhados de ambas as casas têm duas águas e são feitos de taboinha.

Figura 06 - Imigrantes alemães posando de frente às casas de barro



Fonte: Domingos Martins (s/d).

Figura 07 - Família de imigrantes alemães posando de frente à casa de barro

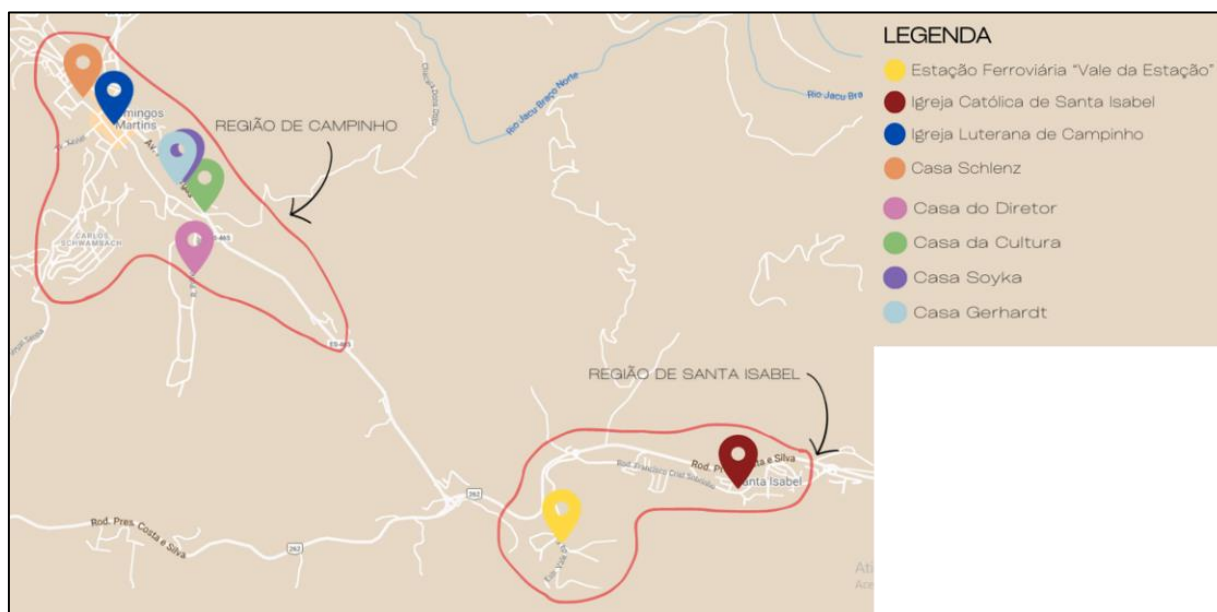


Fonte: Domingos Martins(s/d).

4.2 ANÁLISE DAS EDIFICAÇÕES SELECIONADAS

As análises das edificações compreendem um breve contexto histórico, que justifica a escolha destas na presente pesquisa. Posteriormente, se dará a análise pormenorizada das edificações, considerando os parâmetros já mencionados.

Mapa 01 - Mapa esquemático da localização das edificações estudadas.



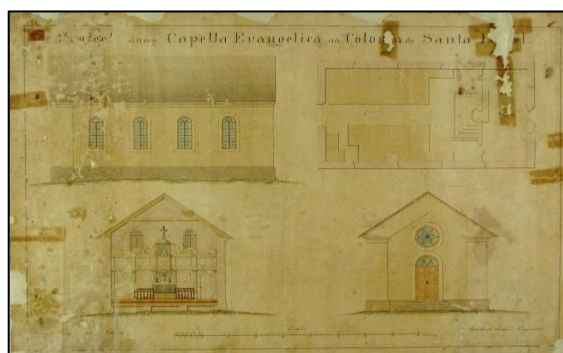
Fonte: Produzido pela autora (2023).

4.2.1 Igreja Luterana de Campinho

A igreja luterana de *Campinhoberg*, como os imigrantes chamavam o local, hoje Centro de Domingos Martins, foi inaugurada em 20 de maio de 1866, no domingo de Pentecostes. Inicialmente, somente a nave da igreja é construída, utilizando taipa de pilão (a). (Espírito Santo, 2009). Nesse tempo, também foi inaugurada a Casa Paroquial (Paróquia Luterana, s.d.), que se encontra do outro lado da Praça Dr. Arthur Gerhardt – em frente a qual ambas as edificações foram erguidas.

Em 30 de janeiro de 1887 foi inaugurada a torre da igreja e seus três sinos. Na época, era proibido por lei a construção de torres em igrejas que não fossem católicas. Entretanto, Johann Nikolaus Velten revoltou-se com a proibição, considerando-a uma grande discriminação, e reuniu um grupo de pessoas para realizar a construção da torre, com sinos que vieram da Alemanha. (Paróquia Luterana, s.d.). Uma comissão do Estado tentou parar a obra, porém “Quando o pessoal do Governo notou que todas as pessoas estavam dispostas a defender a sua Igreja, bateu em debandada. Assim, acabaram de construir a capela” (Vieira; Velten, 2015, p. 238).

Figura 08 - Projeto da Capela Evangélica da Colônia de Santa Isabel, Engenheiro Adalberto Jahn, 1859



Fonte: APEES, Acervo da Mapoteca - 291 (M I1) (C).

O edifício foi projetado pelo próprio diretor da colônia, o engenheiro Adalberto Jahn, e construído pelos próprios fiéis. No projeto original, observa-se a ausência de torre, sinos e cruz na fachada, distinguindo-se da igreja católica de acordo com a legislação imperial que impedia a existência desses elementos em igrejas não católicas. (Raasch, 2010). De acordo com Silas:

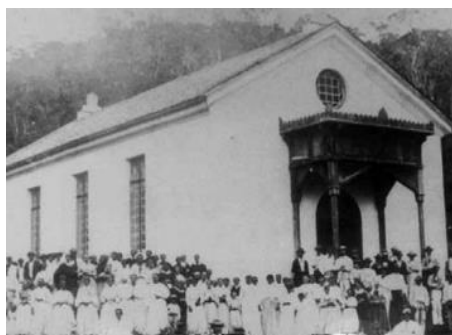
[...] tratava-se de uma construção modesta, assemelhando-se a planta de uma casa comum. No entanto, ao observarmos o desenho do altar na parte inferior à esquerda da planta, percebemos tratar-se de uma Igreja. Destacam-se ainda que as janelas, lembrando vitrais, a porta de duas faces e um pequeno vitral circular acima da porta seriam as principais diferenças em relação a uma construção comum. - RAASCH, 2010, p.111

A Igreja Luterana em sua primeira fase mostra-se uma edificação modesta, com poucos adornos. A porta possui duas folhas e uma bandeira com vidro em formato de semicírculo logo acima. A fachada frontal ainda exhibe um óculo e uma marquise de madeira (b).

As aberturas laterais são estreitas e compridas e são vedadas por janelas com vidro. O telhado possui duas águas cobertas em telhas francesas (b).

A segunda fase da Capela exhibe uma torre que guarda três sinos. Ela foi construída anexa à edificação principal, na fachada frontal. A volumetria existente tem um formato retangular horizontal e possui pé direito relativamente alto, a volumetria construída anexa a ela possui formato também retangular, porém verticalizado, com um pé direito que aparenta o dobro do edifício original (c).

Figura 09 - Primeira Igreja Luterana de Campinho sem a torre



Acervo: Igreja Luterana de Campinho (1869)

Figura 10 - Igreja Luterana de Campinho com a torre

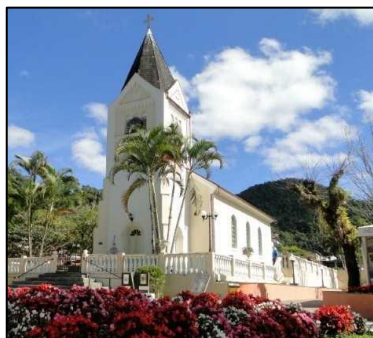


Acervo: Igreja Luterana de Campinho (s/d).

Neste novo anexo, existem portas laterais, além da frontal, que exibem similaridade com a da edificação primária. O telhado possui um formato agulha com alta inclinação, telhas francesas e uma cruz no topo, detalhe que o projeto original não ostentava. A torre é adornada de maneira simples com detalhes feitos na própria estrutura. As aberturas se repetem no mesmo tamanho, formato e localização em ambos lados do eixo central, tais como algumas ornamentações na torre (d).

Ao analisar as fotografias antigas, é possível ver que a Capela é fixada em um campo aberto e relativamente plano, apesar da igreja se encontrar em um nível pouco superior em relação ao restante do terreno. Não existem edificações anexas, e a única edificação próxima é a Casa Paroquial, a Igreja é contornada por pastos e mata fechada (e).

Figura 11 - Igreja Luterana nos dias de hoje



Fonte: Prefeitura Municipal de Domingos Martins (s/d).

Atualmente, nota-se três mudanças significativas a respeito da edificação: A primeira delas é o fato dela estar elevada em relação ao nível da praça, podendo-se acessá-la por uma escada de ardósia com poucos degraus. O seu entorno ganhou uma praça e edificações próximas, à medida que o núcleo urbano de Campinho cresceu ao seu redor. A torre também recebeu um relógio de ponteiros em sua fachada frontal. Ademais, a edificação se mantém preservada e fiel às suas características originais.

4.2.2 Igreja Católica de Santa Isabel

A Igreja Católica, situada ao centro da Colônia de Santa Isabel, foi construída pouco antes que a Capela Protestante, mas não se sabe a data exata de sua inauguração. Em uma ata encontrada no trabalho de Littig (s.d.) sobre imigrantes prussianos, afirma-se que a Igreja pode ter sido construída entre os anos 1856 e 1858 (Vieira e Velten, 2015).

Também projetada pelo Diretor da Colônia, o engenheiro Adalberto Jahn, a igreja foi levantada com a estrutura em pedra (a), e pelas mãos dos próprios colonos católicos. (Raasch, 2010). Em um trabalho sobre o resgate da cultura capixaba, Lopes (2004) afirma:

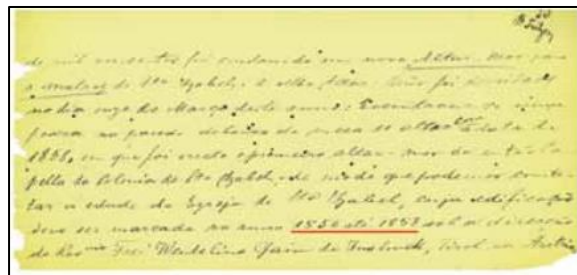
[...] os colonos católicos logo idealizaram a construção de uma igreja para o culto, que foi edificada em pedra e cal.[...] O estilo escolhido foi um gótico atemporal, que atendia ao gosto e à vontade dos imigrantes, que assim podiam reproduzir, na nova pátria, algo que os fizesse lembrar dos templos da terra natal. - LOPES, 2004

Figura 12 - Igreja Católica

Figura 13 - Ata da edificação da capela de Santa Isabel



Fonte: Domingos Martins(s/d).



Acervo Jair Littig (1856/1858).

Em seu diário de viagem, D. Pedro II escreve sobre a igreja: “Igreja católica simples mas bonita, sendo o retábulo de cedro e muito bem esculpido, obra do colono Nicolau [Lidner]. (Rocha, 2008, p.141).

A edificação apresenta quatro volumes principais, os quais se derivam de um volume central, que possui formato retangular horizontalizado e pé direito alto. Outros dois blocos retangulares verticalizados e gêmeos dispõem um de cada lado da fachada frontal do volume central, e o último anexa-se à direita dos fundos da edificação, sendo um volume bem menor em relação à edificação central.

Por se tratar de uma edificação no estilo gótico como afirma Lopes (2004), podemos notar vários elementos desse estilo arquitetônico na obra, entre eles: a verticalidade, presente nas duas torres altas, com telhado em formato agulha e telhas francesas; Rosáceas na fachada frontal e vitrais nas laterais, além de elementos ornamentais talhados na própria estrutura.

Figura 14 - Igreja Católica de Santa Isabel



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Domingos Martins (s/d).

Figura 15 - Igreja Católica de Santa Isabel nos dias atuais



Fonte: Arquivo da Arquidiocese de Vitória (s/d).

Por se tratar de uma edificação no estilo gótico como afirma Lopes (2004), podemos notar vários elementos desse estilo arquitetônico na obra, entre eles: a verticalidade, presente nas duas torres altas, com telhado em formato agulha e telhas francesas; Rosáceas na fachada frontal e vitrais nas laterais, além de elementos ornamentais talhados na própria estrutura.

A simetria é presente nos vitrais na volumetria central que se repetem em ambas faces laterais e nas torres também em suas aberturas, como nas janelas das “salas do sino” e também em alguns ornamentos que se repetem no mesmo tamanho, formato e localização (d).

É interessante notar no projeto apresentado por Jahn, que a Igreja Católica assume um lugar de destaque dentro da Colônia, marcando o centro da povoação. Percebe-se também que os lotes e as ruas são demarcados ao redor da igreja, tomando-a como um ponto de referência. Ela também está em um terreno elevado em relação ao restante da Colônia, reforçando sua posição de destaque. Ela é acessada por meio de uma escada de pedra em sua fachada frontal (e).

Outro ponto importante é que a igreja também assumia um espaço público: a escola. Esta ficava em uma sala anexa à própria igreja, tendo como professor o próprio pastor. Tschudi (2004) afirma em seu diário de viagem que havia uma baixa frequência dos alunos luteranos, já que os protestantes não queriam mandar suas crianças a aulas ministradas por um padre católico (Raasch, 2010).

Com o passar do tempo, é possível notar algumas mudanças na igreja, tais como o aumento das aberturas laterais na nave central e a mudança do formato das esquadrias por outras de formato semicircular com base reta, mas as principais mudanças estão no anexo aos fundos da edificação, que recebeu diversas novas aberturas como rosáceas, vitrais e uma porta, além de ornamentos que casam com os presentes na fachada e que não receberam modificações aparentes.

Figura 16 - Colônia de Santa Isabel



Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Domingos Martins (s/d).

4.2.3 Estação Ferroviária Vale da Estação

A Estação Ferroviária Vale da Estação foi fundada pelos imigrantes em 1847. Foi inaugurada em 1900 e reconhecida como patrimônio histórico em 2010 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a estação representa um notável exemplo da influência da arquitetura germânica no município. O IPHAN descreve a estação como "um exemplar da arquitetura germânica, com uma estrutura de tipo enxaimel onde os esquadros e estruturas de madeira são visíveis" (IPHAN, s.d.).

Ela está localizada em uma área rural da região de Santa Isabel sob a jurisdição do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT). O sítio histórico ferroviário compreende a estação ferroviária, a Casa de Turma, que servia como

residência para os trabalhadores da linha férrea, e a caixa d'água que abastecia a locomotiva a vapor conhecida como Maria Fumaça, contudo, a única edificação analisada será a própria estação.

A estrutura da edificação segue o estilo enxaimel, com esquadros e estruturas de madeira visíveis, preenchidos com tijolos sólidos. O telhado também é construído em madeira, e as telhas são do tipo francesa (a).

Os acabamentos externos da Estação são caracterizados por uma predominante pintura marrom nas estruturas de madeira do enxaimel e nas esquadrias, enquanto o restante da edificação é pintado de branco. Um sinal com a inscrição "Vale da Estação" em marrom é exibido na fachada, circundado por uma margem (b).

A volumetria é composta por apenas um bloco em formato retangular horizontalizado, apenas andar térreo e pé direito de mais ou menos três metros e meio (c).

A simetria na estação é presente nos elementos estruturais do enxaimel e nas aberturas de portas e janelas, que se repetem dos dois lados do eixo central da edificação (d).

Outro detalhe evidente é a elevação da estrutura em relação ao solo. Uma estrutura de pedra aparente separa o nível da rua do nível térreo da edificação, estando praticamente vedada, exceto por aberturas circulares que aparentam ser tubulações de esgoto (e).

Figura 17 - Fachada lateral da Estação Ferroviária Vale da Estação



Fonte: Fotografia registrada pela autora (2023).

Figura 19 - Fachada lateral da Estação Ferroviária Vale da Estação

Figura 18 - Fachada frontal da estação voltada aos trilhos



Fonte: Fotografia registrada pela autora (2023).

Figura 20 - Fachada lateral da estação com seu primeiro nome, "Germania"



Fonte: Fotografias registradas pela autora (2023).



Fonte: PMDM (s/d).

A estação não parece ter sofrido grandes modificações com o passar do tempo, exceto pelo nome que foi alterado três vezes ao longo dos anos. O seu estado de conservação deixa a desejar, já que ela não recebe manutenção conforme relatado por moradores locais durante a visita, confirmado em um artigo do Jornal Folha Vitória em maio de 2019.

4.2.4 Casa da Cultura

A casa da cultura foi construída em 1915 pela família alemã Schwambach. Posteriormente foi adquirida pelo Estado onde se instalou o fórum da cidade até 1970, época em que surgiram rachaduras no edifício devido às obras de asfaltamento da rua, motivo que levou ao seu abandono. A Prefeitura adquiriu o imóvel com o objetivo de torná-lo um museu antes que fosse demolido, e a Casa da Cultura foi oficialmente inaugurada em 1983. (Espírito Santo, 2015)

A base da edificação foi construída em pedra, e sua estrutura é feita de alvenaria em tijolos (a). O telhado, que possui quatro águas, é feito de telhas de cimento-amianto. Os demais materiais usados na edificação estão presentes em suas esquadrias, com madeira e vidro, e nos acabamentos, com argamassa e pintura (b).

Figura 21 - Casa da Cultura



Figura 22 - Casa da Cultura



Fonte: Fotografia registrada pela autora (2023).

Fonte: Fotografia de Izaias Tozetti (2023).

A casa é constituída por um grande volume original, compacto e vertical (c). Por se tratar de uma edificação eclética, ela possui diversos adornos em suas fachadas, presentes na sobreverga das janelas, na verga das portas da fachada, e no frontão da platibanda. No último pavimento, uma sacada com balaustrada também é adornada em sua base.

Os elementos de simetria estão presentes nas aberturas de portas e janelas, e na platibanda que circunda toda a edificação. Na fachada frontal, existe uma porta central e duas janelas de cada lado do eixo da porta, esse padrão se repete no último andar. Nas fachadas laterais, as janelas exibem simetria em tamanho, formato e localização (d).

Em relação à implantação, ela está localizada na avenida principal e trata-se de uma edificação de esquina que se destaca na paisagem em meio às casas térreas do entorno, devido sua altura e localização.

4.2.5 Casa do Diretor

A “Casa do Diretor”, como apelidada nessa pesquisa, foi construída em 1860 na colônia de Santa Isabel para abrigar o diretor da colônia, na época o engenheiro Adalbert Jahn (Martinuzzo, 2008). A residência permanece preservada até os dias de hoje, pertence à família Venturini, e localiza-se na rua Vivendas do Imperador.

Um dos seus visitantes mais icônicos foi o próprio Dom Pedro II, que lá hospedou-se em fevereiro de 1860, durante uma visita à Colônia de Santa Isabel. Segundo Vieira e Velten (2015), durante a estadia do Imperador na residência, na época de propriedade do Dr. Adalberto Jahn, ele “foi confortavelmente hospedado em um ambiente de muita ordem e bom gosto, proporcionado pela gentil e culta dona da casa”.

Figura 23 - Casa do Diretor nos dias de hoje



Fonte: Acervo José Antônio Martinuzzo (s/d)

Figura 24 - Casa do Diretor nos primeiros anos de sua fundação



Fonte: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo – Victor Fron (1860).

Não é possível dizer com clareza qual foi o sistema construtivo adotado na edificação, por não constar em registros históricos e ser de difícil distinção visual (a). Contudo, ela apresenta características do enxaimel, como a presença de cintas de madeira (fachada lateral), simetria na disposição das janelas - além das mesmas serem proporcionalmente pequenas, e o telhado colonial inclinado com duas águas.

A edificação não possui adornos significativos, apresentando acabamentos simples e geométricos. Suas esquadrias são de madeira e vidro, de abrir, e a pintura atual segue as cores tradicionais, com a estrutura em branco e as esquadrias, cintas e pilares em azul (b). Possui um sótão devido a presença de uma pequena janela entre o encontro das águas do telhado e uma água furtada na água frontal, que foi feita posteriormente pois a mesma não aparece na foto antiga da residência.

Sua volumetria é composta por dois volumes pequenos e anexos, de formato retangular. O bloco maior sendo a casa em si, e o segundo a varanda dos fundos, que segue o formato da edificação principal de fora a fora (c). Elementos de simetria são visíveis nas aberturas frontais, onde as janelas são dispostas dos dois lados da porta de entrada com espaçamento e formato iguais, além de seu tamanho proporcionalmente pequeno em relação à edificação (d).

Localizada em uma área rural de 15 hectares, a casa era acompanhada por outras duas residências para colonos. Atualmente, a região tornou-se urbana, cercada por edificações residenciais e comerciais ao lado da rua (e).

4.2.6 Casa Soyka

Construída no início do século XX pela família alemã Soyka, a edificação não possui registros documentais significativos para contribuição nessa pesquisa, porém a partir de registros iconográficos é possível afirmar que sua construção data entre 1915 e 1925. A edificação está localizada na avenida principal de Campinho. Ela é um dos principais marcos da evolução temporal urbana e arquitetônica na cidade, sendo uma edificação eclética e de dois andares.

Não é possível afirmar a origem de seu sistema construtivo, porém devido a deterioração em alguns pontos de sua estrutura, consegue-se ver estruturas de madeira, possivelmente preenchidas com alvenaria (a).

As janelas são feitas de madeira e vidro, apresentando ainda venezianas no andar térreo. A porta também é de madeira e tem duas folhas. O telhado tem duas águas e é coberto por telhas francesas (b).

Sua volumetria apresenta volume único e verticalizado, em um formato bem quadrado. Os dois andares aparentam pé direito semelhante, de aproximadamente três metros (c).

A respeito da simetria, ela é bem óbvia nos elementos de janelas e adornos. Nas janelas, pelo seu formato e localização simultâneas em ambos andares; e nos adornos pela sua repetição entre as janelas e porta, que apesar de se distinguirem em formato no primeiro andar, ainda são semelhantes entre si (d).

Figura 25 - Residência da família Soyha



Fonte: Fotografia registrada pela autora (2023)

A edificação não possui afastamento da rua, sua porta de entrada está diretamente ligada à calçada, e nem possui afastamento das edificações ao lado, se não por um pequeno corredor à direita que provavelmente dá acesso à um pátio aos fundos. É difícil dizer se esse corredor existia originalmente. Também é possível perceber seu afastamento do solo, a porta estando a um degrau de altura do mesmo (e).

4.2.7 Casa Gerhardt

A casa Gerhardt, construída no mesmo período que a casa Soyka, recebe esse nome na pesquisa em homenagem ao seu fundador, Dr. Arthur Gerhardt, primeiro médico do município.

A edificação de estilo eclético acompanha a tipologia da Casa Soyka. Por razão dessa semelhança de estilo e época em que foram construídas, pode ser provável que esta utilize do mesmo sistema construtivo: estrutura de madeira com fechamento em alvenaria (a).

Figura 26 - Antiga residência do Dr. Arthur Gerhardt



Fonte: Fotografia registrada pela autora (2023).

Figura 27 - Antiga residência do Dr. Arthur Gerhardt à direita



Fonte: Acervo Domingos Martins (s/d).

Os materiais usados nas esquadrias são madeira e vidro, os adornos são feitos de argamassa, o telhado possui quatro águas cobertas com telha francesa e as paredes são revestidas com pintura clara. Analisando as figuras 25 e 26 podemos observar que ela se manteve preservada no uso desses materiais até os dias atuais (b).

A volumetria da edificação é um bloco único e vertical, de formato quadrado, com dois andares (c). O segundo andar da residência possui uma pequena sacada com guarda-corpo em ferro e adornado com volutas. Na fachada da edificação os elementos de simetria se apresentam nos adornos sob e entre as janelas, com formatos geométricos distintos; e no espaçamento e aparência das janelas, apesar de não estarem alinhadas no primeiro e segundo andar, como é possível notar na figura 26 (d).

Figura 28 - Antiga residência do Dr. Arthur Gerhardt



Fonte: Dialog (2007)

Ela está localizada também na avenida principal de Campinho, em frente à casa Soyha. Seu térreo possui uma pequena elevação de aproximadamente um degrau em relação ao nível da calçada. Originalmente não havia espaçamento entre as casas, sendo elas geminadas, porém nos dias de hoje existe um pequeno corredor que a separa das edificações vizinhas de ambos lados. A edificação não possui afastamento da rua, sua entrada se dá diretamente na calçada (e).

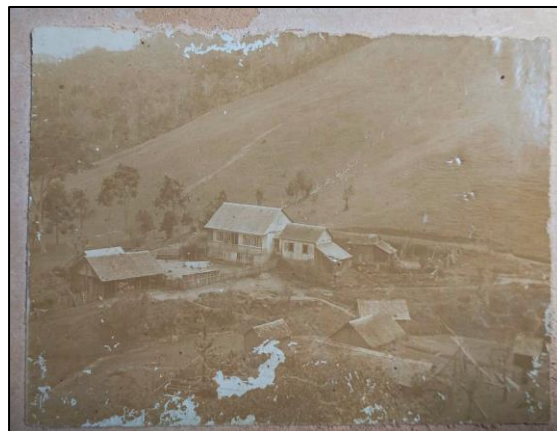
Em seus primeiros anos de existência ela se destacava na paisagem por estar entre as primeiras edificações não térreas da vila, porém nos dias de hoje ela se “camufla” com seu térreo descaracterizado recentemente e transformado em comércio, e entre blocos altos de ambos lados.

4.2.8 Casa Schlenz

A residência da família alemã Schlenz foi construída antes mesmo da igreja luterana, segundo relatos de descendentes da família que ainda vivem na casa, tornando-se portanto uma das edificações residenciais remanescentes mais antigas de Campinho. Eles ainda relatam, através de memória oral, que a casa era utilizada como local de missas e reuniões da comunidade antes da construção da igreja. Localizada na rua Fernando Schlenz, ela está a duas quadras da Igreja Luterana (Schlenz, 2023, comunicação pessoal).

Figura 29 - Residência Schlenz, 2023

Figura 30 - Residência Schlenz,



Fonte: Fotografia registrada pela autora (2023)

Fonte: Acervo fotográfico da família Schlenz (1847-1860)

A edificação foi construída com o uso de enxaimel, utilizando madeira nas estruturas e vedação com barro (a). Em sua base, há uma estrutura de sustentação de pedra, as esquadrias são de madeira e vidro e ela é revestida com pintura em tom claro. O telhado, de duas águas, parece ser coberto por telha de fibrocimento, e possui estruturas de sustentação de madeira. O guarda corpo da varanda também é feito em madeira (b).

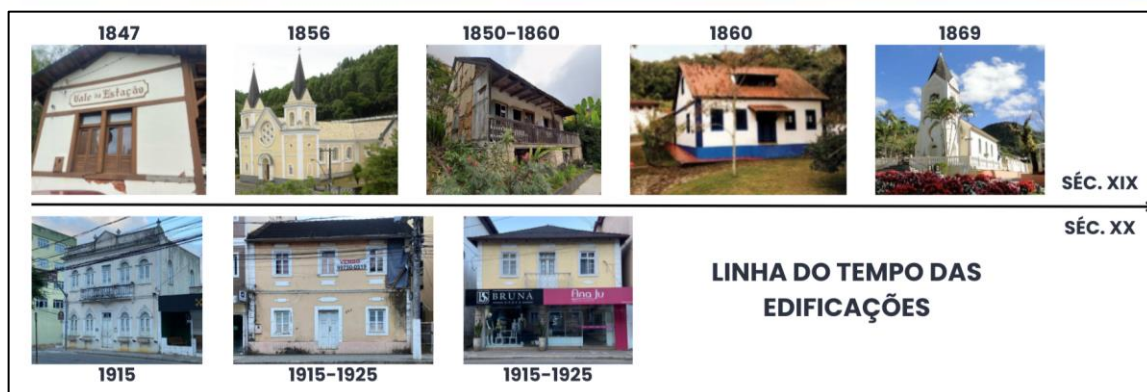
A volumetria é um bloco único e horizontal, de formato retangular, e apresenta a existência de um sótão, notável pela janela alta na fachada lateral esquerda, que é pequena com relação às outras. Também existe uma varanda frontal que acaba se unindo à volumetria única pelo telhado, que a cobre de maneira integral (c). A simetria está presente no formato e aparência das janelas, além de sua distribuição de ambos lados do eixo central, marcado pela porta de entrada (d).

A sua implantação ocorre em um terreno de esquina com um pequeno declive, possui um afastamento reduzido da calçada e um maior entre as edificações vizinhas no terreno, que estão em sua lateral e aos fundos. A edificação se aproveita da inclinação do terreno para obter uma grande elevação com relação ao solo, que se transforma em uma espécie de porão aberto. O acesso a ela se dá através de uma escada na lateral direita da edificação (e).

4.3 SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS NAS EDIFICAÇÕES ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

A análise das oito edificações elencadas a partir dos cinco parâmetros utilizados (Sistema construtivo, material de construção, volumetria e proporção, simetria e implantação) indica uma clara distinção no modo de construir das edificações erigidas na primeira fase da imigração alemã (século XIX) em relação às da segunda fase (primeiras décadas do século XX). Para ilustrar, foi realizada a seguinte linha do tempo:

Figura 31 - Linha do tempo das edificações analisadas



Fonte: Autora (2023)

Entre 1847 e 1869 as edificações possuem aspecto mais tradicional e regionalista, com elementos que se assemelham à arquitetura primitiva dos colonos, conforme observado nas imagens 06 e 07. A partir de 1900 as edificações passam pela influência do ecletismo, amplamente utilizado nas três residências do século XX. Seguindo essa linha de raciocínio, e seguindo os parâmetros já citados para o desenvolvimento das análises, chegou-se à seguinte conclusão:

Quadro 01 - Resultados obtidos a partir dos parâmetros de análise divididos entre as edificações do século XIX e do século XX

Parâmetros	Século XIX	Século XX
Sistema construtivo (a)	Preferência pela técnica enxaimel e taipa de pilão; A escolha do sistema construtivo em pedra na igreja católica reflete opulência, solidez e imponência, enquanto a opção pela taipa de pilão na igreja luterana evoca simplicidade.	Incorporação de sistemas mais contemporâneos, como a alvenaria em tijolos.
Materiais de construção (b)	Madeira, vidro, pedra e barro.	Madeira, vidro, pedra, argamassa.
Volumetria e proporção (c)	Nas igrejas, observa-se uma verticalização com torres prismáticas, platibandas triangulares acompanhando o pináculo e volumes anexos de tamanhos distintos. Já nas demais edificações, o formato é de um bloco único e compacto, com configuração prismática no topo, também incluindo varandas.	A volumetria mantém-se como um bloco único, entretanto, adquire uma verticalização. As varandas ainda são elementos existentes, porém reduzidas drasticamente de tamanho.
Simetria (d)	Os padrões simétricos são evidentes nas janelas e portas, apresentando formatos, tamanhos e posições que refletem em relação a um eixo central, além de se manifestarem em adornos nas igrejas.	Os padrões simétricos mostram-se nas janelas, com formatos, tamanhos e posições que refletem a partir de um eixo central e nas portas centralizadas na edificação; e em adornos simples.

Implantação (e)	As edificações, sem demarcação específica, estão dispersas no lote, com elevação em relação ao solo. Notavelmente, as igrejas ocupam posições de destaque, centralizadas nas vilas e situadas em terrenos mais altos.	As demarcações de lote são mais definidas, e as edificações estão próximas à rua, seguindo um desenho urbano; as casas, contíguas umas às outras, apresentam pequena elevação em relação ao solo.
-----------------	---	---

Fonte: Autora (2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa teve como intuito analisar as edificações construídas no município de Domingos Martins, ao longo das primeiras fases de ocupação dos povos germânicos, especificamente nas localidades de Campinho e Santa Isabel. No decorrer deste estudo, explorou-se a história da imigração germânica no município de Domingos Martins, bem como os aspectos culturais, sociais e geográficos que moldaram a forma como esses colonos se fixaram e construíram em solo martinense.

É importante destacar que esses imigrantes enfrentaram inúmeras dificuldades e desafios ao se estabelecerem em um ambiente desconhecido. A superação dessas adversidades demonstra a resiliência e a determinação desses pioneiros, que deixaram para trás sua terra natal em busca de novas oportunidades. Seu legado perdura até os dias atuais, influenciando a história e a identidade de Domingos Martins como um município marcado pela pluralidade.

Destaca-se aqui a importância de pesquisas desta natureza para evitar que se reproduzam mais edificações que, na tentativa de simular a estética arquitetônica germânica, acabam perpetuando um falso histórico que pouco se relaciona com a trajetória histórica e/ou cultural de Domingos Martins.

Esta prática distorce a compreensão da verdadeira arquitetura histórica e, conseqüentemente, a narrativa cultural a ela associada. Ela pode resultar em interpretações simplificadas ou estereotipadas da história, contribuindo para a propagação de noções inautênticas, podendo comprometer a integridade do patrimônio local.

A análise revela que a arquitetura dos povos germânicos no município herdou diversos elementos técnicos e estilísticos das edificações de sua pátria natal, muitas vezes de maneira sutil e adaptada, utilizando estrategicamente técnicas ajustadas à geografia e ao clima locais, com materiais acessíveis aos colonos. Esta influência, longe de permanecer estática, acompanhou as tendências arquitetônicas da época, adaptando-se conforme necessário.

Estas construções desempenham um papel intrínseco na história, cultura e sociabilidade do município, desde seus primeiros habitantes até os dias atuais, conectando-se à trajetória e identidade cultural deste povo.

É essencial destacar a escassez de estudos sobre a arquitetura em Domingos Martins, especialmente sua influência germânica. No entanto, é crucial que tais estudos existam para preservar a história e cultura de um povo tão resiliente e trabalhador.

Portanto, esta pesquisa incentiva novos estudos futuros sobre o tema, contribuindo para a preservação e compreensão da rica herança cultural deste município.

REFERÊNCIAS

COSTA, Maria Cilda et al. **Correntes Imigratórias no Espírito Santo**: italianos, alemães e libaneses. 1. ed. Vitória: EDUFES, 1999. 61 p.

DURKHEIM, Émile. **Da Divisão do Trabalho Social**. França: [s. n.], 1893.

GONÇALVES, Thiago. **A unificação da Alemanha**: Contexto e Processo. 1. ed. TTG Livros, 2023. 32 p.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO (Vitória). Secretaria de Estado da Cultura. **Arquitetura: Patrimônio Cultural do Espírito Santo**. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2009. 560 p.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL (Porto Alegre/RS). Portal Luteranos. **História da Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Domingos Martins/ES**. [S. l.], 202-. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/hi-historia-da-paroquia-evangelica-de-confissao-luterana-em-domingos-martins-es>. Acesso em: 16 jun. 2023.

MEDEIROS, Rogério. **Espírito Santo: Encontro das Raças**. Rio de Janeiro: Reproarte gráfica e editora, 1997. 221 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS (Domingos Martins, ES). Institucional. **Imigração**. Domingos Martins, 202-. PMDM. Disponível em: <https://www.domingosmartins.es.gov.br/detalhe-da-materia/info/imigracao/8919>. Acesso em: 10 jun. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOMINGOS MARTINS (Domingos Martins, ES). Câmara de Domingos Martins. **A história da colônia de Santa Isabel retratada na Semana Cultural**. Domingos Martins, 2015. Disponível em: <https://www.domingosmartins.es.leg.br/comunicacao/noticias/a-historia-da-colonia-de-santa-isabel-retratada-na-semana-cultural>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RAASCH, Silas. **A Colônia de Santa Isabel e seus imigrantes (1847-1889)**. Orientador: Dr. Geraldo Antonio Soares. 2010. 189 f. Dissertação (Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2010.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 3. ed. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2008. 283 p. v. 7.

SCHLENZ. **Entrevista pessoal com a autora**. Domingos Martins, outubro de 2023. TSCHUDI, Johann Jakob. **Viagem à Província do Espírito Santo: Imigração e Colonização Suíça 1860**. Tradução: Nara Saletto, Erlon José Paschoal. Vitória: Governo do Estado do Espírito Santo, 2004. 172 p. v. 5.

VIEIRA, José Eugênio; VELTEN, Joel Guilherme. **Os Italemães: Na Terra dos Botocudos**. Vitória: Grafitusa, 2015. 577 p.

WERNICKE, Hugo. **Viagem pelas colônias alemãs do Espírito Santo: A população evangélico-alemã no Espírito-Santo: Uma viagem até os cafeicultores alemães em um Estado tropical do Brasil**. Tradução: Erlon José Paschoal. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013. 256 p. v. 18.